



## UMA EDUCAÇÃO PELA NATUREZA: VIDA AO AR LIVRE E ORDEM URBANA EM SÃO PAULO (1900-1940)<sup>1</sup>

Carmen Lucia Soares

### RESUMO

*A cidade de São Paulo na aurora do século XX redesenha práticas educativas e espaços. A natureza, seus elementos, e uma vida ao ar livre configuram-se, assim, como pedagogias do corpo e terapêuticas das doenças causadas pela vida urbana. O trabalho analisa este ideário tomando como fontes revistas de Educação Física, Educação e Jornais paulistas do período.*

*PALAVRAS-CHAVE: vida ao ar livre; educação pela natureza; ordem urbana*

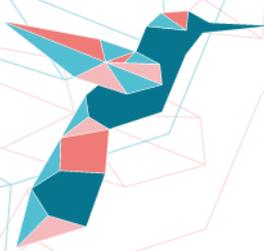
### A VIDA AO AR LIVRE: ENTRE A EDUCAÇÃO, A CURA E O DIVERTIMENTO

A *vida ao ar livre*, o *ar puro*, são expressões que, pouco a pouco constroem novas sensibilidades<sup>2</sup> e marcam, de modo profundo, importantes transformações da relação estabelecida entre os seres humanos e a natureza nas sociedades ocidentais. Podemos afirmar que a *natureza* se reconfigura nas mentalidades, seus usos se modificam e ela torna-se, assim, um lugar de cura, de divertimento, de aventura, tanto quanto um dispositivo pedagógico. Essas transformações respondem, em grande medida, as novas necessidades geradas pela ordem urbana e industrial em curso no período onde se instala o desejo pela mudança de ares, expressão que desde a última década do século XIX já é utilizada, sobretudo porque o *ar puro* é também remédio no combate a doenças pulmonares, cuja terapêutica incluía temporadas nas montanhas<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Esta pesquisa tem o financiamento do CNPq através de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Processo nº 303934/2013-1).

<sup>2</sup> Sobre o tema da *sensibilidade na história* trabalhamos com Febvre (1989; 2000; 2003); Corbin, (1987; 1994; 2000) e, particularmente com os estudos de Corbin sobre uma *história da sensibilidade em relação à natureza e seus elementos* tais como Corbin (1988; 1991; 2005; 2001; 2013; 2013a); Haroche (2008); Barran [s.d.], entre outros.

<sup>3</sup> No estado de São Paulo, a cidade de Campos do Jordão pode ser tomada como expressão desse ideário da cura ao lado do divertimento. Pequeno paraíso encravado entre mágicas montanhas recortadas por um céu de azul celeste, acolheu paulistas de diferentes classes sociais tornando o percurso desde a capital mais fácil pela estrada de ferro construída. Ver por exemplo, Dalben (2009); Dalben e Soares (2012; 2013); Ferraz (1940).



Lugares em meio à natureza são inventados e novos significados de seus elementos se operam. A montanha, a praia, os parques e jardins, as casas de campo, as margens dos rios utilizadas para passeios, piqueniques, brincadeiras e, também, para a construção de clubes são o resultado desse novo desenho dado à natureza para que essa *vida ao ar livre* se efetive. Uma renovada curiosidade em relação a tudo o que diz respeito à biodiversidade e aos viventes assim como um interesse pela climatologia e pela meteorologia também se afirmam nesse momento<sup>4</sup>. A *vida ao ar livre* torna-se assim, já em meados da década de 1930 quase que um sinônimo de férias, de prática esportiva, de lazeres ativos, de cuidados terapêuticos por meio de elementos da natureza tais como o ar puro, o sol, as águas e, sem dúvida, uma bandeira do higienismo. (RAUCH, 2001; SIROST, 2009; DALBEN e SOARES, 2011; GLEYSE, DALBEN e SOARES, 2014; ROCHA, 2003; SCHOSSLER, 2013; MARRICHI, 2009, 2012, 2015).

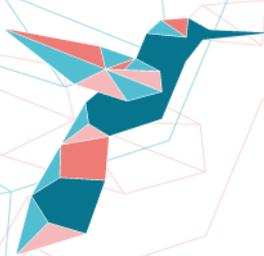
Na cidade de São Paulo há certo protagonismo em relação às práticas que se desenvolvem em meio à natureza. Os rios são, de fato, um mundo que se revela, pois, muito além do trabalho que ali se realiza, também servem a passeios, encontros, piqueniques, jogos e brincadeiras, esportes. Neste início de século XX, a paisagem calma, bucólica, contemplativa a que os rios também se prestavam, começava a receber novos sentidos e usos. (SANT'ANNA, 2007; JORGE, 2006)

No início da década de 1920 essa *vida ao ar livre* ganha contornos mais nítidos, ou, ao menos, mais registrados e mesmo divulgados. Nas pontes da cidade, mas, sobretudo na Ponte Grande e seus arredores como bem observou Sevcenko (1992), número significativo de jovens se exercitavam nas margens do rio, nadando e saltando, conduzindo barcos a remo. É nesta década, também, que ganha impulso uma cultura clubística bastante expressiva na cidade e porta voz dessa ideia de *vida ao ar livre*. A imprensa paulista registra esse movimento em palavras e imagens de maneira bastante significativa<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, Corbin, op.cit. (2005); LADURIE, E. L. R. *Histoire du climat depuis l'an mil*, T. 2, 1983; JAKOVIC, W. *Reading the skies: a cultural history of english weather*. PUC-Chicago, 2000; MATTOS, MATTOS, J. N. B.. *Breve notícia sobre o clima de São Paulo*. São Paulo: Serviço de Meteorologia do Estado de São Paulo, 1906. MATTOS, J.N.B. *Em defesa do clima de São Paulo*. São Paulo: Serviço de Meteorologia do Estado de São Paulo, 1910, entre outros.

<sup>5</sup> O jornal *O Estado de São Paulo* nas décadas de 1920 e 1930, em sua coluna dedicada ao esporte, registra com regularidade e frequência os esportes náuticos praticados no Pinheiros e no Tietê, sublinhando o lugar dos clubes; esse jornal continua sendo uma das fontes do projeto ora proposto.



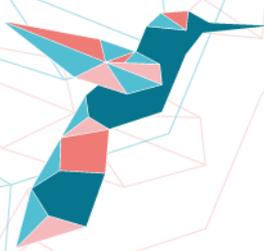
É na década de 1920, por exemplo, que o clube *Germania* amplia sua sede ao comprar uma grande área abundantemente arborizada, às margens do rio Pinheiros; já em 1923 o clube havia inaugurado o cocho de natação e também sua piscina<sup>6</sup>. A *Revista Educação Física* de 1941, em seu n° 59 assim descreve o clube:

Numa área de cento e quarenta mil metros quadrados estão situadas presentemente as modernas instalações do clube que é motivo de justificado orgulho do esporte brasileiro — Sport Club Germania. [...] Tudo ali é grande e perfeito. Roseirais que se enfileiram a perder de vista; flores e arvores em perfeita harmonia de tons e formas, calor e sombra, refletindo, em conjunto, um bom gosto que se evidencia nos menores detalhes. É um hiato na metrópole. O lindo recanto do Jardim Europa, [...] em que se casam a harmonia dos seus jardins bem plantados com o verde sugestivo da mata tropical, poderia ser egoisticamente, reservado ao devaneio e ao conforto dos seus associados. Não o é, entretanto. Em etapas sucessivas, cada qual mais notável, suas realizações assinalam o motivo fundamental de seus destinos - o de propugnar sem desfalecimentos para o progresso da educação física brasileira. (O que foi o Pentatlo Atlético organizado pelo S.C.Germania. In: *Revista Educação Física*, p. 41, n° 59, 1941)

Percebe-se nessa descrição, já da década de 1940, a insistência nessa *natureza* dominada em que a sede do clube é descrita como expressão da harmonia entre uma *natureza rude* e outra *dominada*, sobretudo, lugar instituído de *vida ao ar livre* e afirmação da Educação Física institucionalizada.

Na extensão do rio Tietê um número também significativo de associações esportivas surgiu desde o início do século XX como é o caso do Clube Regatas de São Paulo criado em 1902, ou, o Clube Esportivo da Penha criado em 1929. A imprensa paulista dos anos de 1920, fascinada com o esplendor do esporte como símbolo da modernidade e da nova ordem, promove importantes campeonatos nos rios. A *Primeira Travessia de São Paulo a nado*, realizada no ano de 1924, foi promovida pelo periódico *São Paulo Esportivo* e realizada sob seus auspícios até 1928. Ausente da arena esportiva da cidade por 4 anos, esta competição só voltará a ocorrer em 1932, promovida então pelo Jornal *A Gazeta Esportiva*. Em sua primeira página do dia 15 de fevereiro de 1932, este jornal registra, com entusiasmo, a retomada dessa competição, sublinhado que “Foi superado o recorde de inscrições com um total de 202

<sup>6</sup> Até hoje em funcionamento na cidade de São Paulo, este clube alemão alterou seu nome na década de 1930 para *Esporte Clube Pinheiros*, em função em função do Decreto-lei n° 383, de 18 de abril de 1938, que marca o início da política de nacionalização de entidades estrangeiras na era Vargas. Ver entre outros: Quitzau (2008); Quitzau e Soares (2010).



inscritos vindos não apenas da capital, mas, também, do interior”. Atraindo uma multidão às margens do rio para assistir ao evento que, já em sua primeira versão, acolheu a participação de mulheres, foi considerada um ícone dos esportes náuticos da cidade, deixando de existir somente em 1944 pela degradação desse rio que, nesta década, de fato, a cidade perdeu conforme analisou Jorge (2006)<sup>7</sup>.

Seria possível inferir que esta cultura clubista, bastante expressiva e afinada com a nova ordem urbana, revelando em sua arquitetura e na maneira como domina a natureza e constrói no interior de seus muros *harmoniosos jardins*, está também em acordo com a ideia de uma *vida ao ar livre* ritmada por tempos precisos e quase sempre conformes a organização corporal desenhada pelo esporte moderno. Todavia, é também expressiva a singeleza das festas e piqueniques<sup>8</sup>, dos passeios e das brincadeiras nas margens dos rios e no movimento de suas águas por uma população que não fora, ainda, alcançada pelo dispositivo do esporte moderno e em consonância com os preceitos da boa higiene.

Isto porque a expressão — *vida ao ar livre* — guarda inúmeros e diversificados sentidos, tanto quanto certa indiferenciação de atividades que se desenvolvem junto à natureza. Assim, aqueles que evocam e proclamam a *vida ao ar livre* podem ser tanto amantes dos esportes, turistas, pintores, naturistas, escoteiros, exploradores, curistas, tuberculosos, escolares em colônias de férias, caçadores, pescadores, caminhantes de domingo. São, também, médicos e professores, instrutores de ginástica, mães. E se a estafa mental era produzida pelo excesso de atividade intelectual nas escolas, uma nova educação é evocada e ganha lugar o tempo do recreio, assim como aquele de uma *educação física* escolar feita, preferencialmente, ao ar livre<sup>9</sup>.

A *vida ao ar livre*, a ideia de uma natureza regeneradora, é bem proclamada nesta São Paulo das primeiras décadas do século XX e já evocada como necessidade educativa no

<sup>7</sup> Ver entre outros, NICOLINI, 2001; ADORNO, 1999; SEVCENKO, 1992.

<sup>8</sup> Os piqueniques, esse encontro *ao ar livre*, foram uma prática genuinamente popular, de cultura imigrante principalmente, e resistiram por muito tempo ocupando espaços bem definidos da cidade: o Parque Antártica e o Bosque da Saúde, o Jabaquara com o bosque da Cantareira e a Vila Galvão, com seu lago onde se jogava futebol, e as crianças corriam e pulavam corda, cf. *Depoimento* de Carlos Vergueiro, Lazer e Diversão em São Paulo- o Entreguerras, p. 43, *O Caderno de São Paulo*, 1979.

<sup>9</sup> Ver a respeito nas análises feitas por VAGO, T. M. e FARIA FILHO, L. M. “Entre relógios e tradições: elementos para uma história do processo de escolarização em Minas Gerais”, p. 131. In: VIDAL, D.G.; HILSDORF, M.L.S. (Org.). *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2001, v.1, p. 117-136.



âmbito da instituição escolar, conforme podemos ler na Revista de Ensino em seu n° 1, de março de 1912 quando se refere às salas de aula:

[...] Salas (?) falta de luz, salas onde durante o anno não entra um raio benfazejo de sol, desse sol agosto a que se devem todas as manifestações vitais da superfície à terra, na espessura das florestas como na profundidade dos oceanos, essas salas clamam bem alto contra o educador não compenetrado de seu papel.

Ar, luz e sol! Primeiros elementos colaboradores da educação physica que a escola deve aos seus alumnos. Sem esses elementos, o meio physico escolar será doentio e triste. (p. 25)

Ou, então, como se pode ler no Boletim mensal de n° 10, do mês de outubro de 1929, da Liga Paulista de Hygiene Mental, criada em 1926 que, ao discutir o tema da hygiene mental pré-escolar e entre os vários aspectos do desenvolvimento infantil afirma que “[...] o sol, o ar puro, os exercícios, desempenham o seu papel de auxiliar na saúde da creança [...]”.

De fato, as referências à natureza e a essa *vida ao ar livre*, se racionalizam. Ela deve ser um grande jardim, aprazível aos adultos e às crianças, emoldurando a cidade e suas instituições.

## UMA EDUCAÇÃO PELA NATUREZA

Nosso propósito neste trabalho consiste em apresentar, ainda que de modo bastante breve, os significados históricos das preocupações e prescrições acerca da relação entre educação, corpo, natureza e ordem urbana, presentes na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, especialmente àquelas publicadas na imprensa e debatidas por autoridades públicas, médicos, educadores e higienistas do período definido. Tais preocupações envolvem, principalmente, a educação, hygiene urbana e a saúde da população paulistana.

A evocação da importância e necessidade da *vida ao ar livre* e de certa devoção à *natureza* e aos benefícios dela oriundos, são parte constitutiva e mais sofisticada da ordem urbana. Em quatro décadas, a cidade de São Paulo registra um crescimento populacional impressionante, pois, se em 1900 seu número era de 240 mil habitantes, em 1940 ela terá mais de um milhão. Suas ruas eram cheias de gente, de sonhos, de carros e também de valores novos como a velocidade. Formas inéditas de organização do tempo surgem nessa nova ordem urbano-industrial e uma educação mais ampla se impõe, ensinando aos indivíduos os



ritmos urbanos que dizem diretamente ao corpo e fabricam uma nova sensibilidade. É neste contexto de novidades que se insinuam aquelas voltadas à *vida ao ar livre*, a uma busca pela *natureza e seus elementos* como parte de uma educação urbana, moderna. Conforme Rago (2004, p.392): “[...] Competições esportivas de natação, remo e ciclismo, promovidas pelos clubes recreativos privados passavam a ser valorizadas, como forma de libertação do corpo e como meios pelos quais a sociedade podia identificar-se como moderna [...]”.

A ainda insipiente escola pública já contempla no interior de seus muros o desejo de incorporar a prática regular de exercícios físicos ao *ar livre*, em sintonia com o ideário de benefícios auferidos pela *natureza* e seus elementos. Não seria menor sublinhar aqui como a evocação de divertimentos *ao ar livre* também se fez presente no período aqui delimitado. Os parques e jardins públicos, os clubes e associações de bairro se constituem em lugares em que essa *educação pela natureza* se expressa e que as autoridades públicas desejam ampliada e consolidada. Esta cidade que a partir dos anos de 1930 torna-se o maior centro comercial da América Latina, contando com quatro mil indústrias, um enorme contingente de operários e um ritmo de trabalho e crescimento alucinantes<sup>10</sup> se volta para a *natureza*, seus benefícios, sua generosidade e a *vida ao ar livre* é evocada como necessidade daqueles que ali vivem. “Viver o mais longamente possível ao ar livre, ou em lugares onde o ar não fique parado e quente” (v. II, p. 20), era o que recomendava a Associação Cristã de Moços em registro deixado nos *Annaes do I Congresso Brasileiro de Hygiene* realizado em 1923, na cidade do Rio de Janeiro.

Mas, como proclamar e exaltar a *vida ao ar livre* e esse modelo de uma *educação junto à natureza* e seus elementos à sombra de um Brasil rural<sup>11</sup>, de uma *natureza* rude e indomada, *selvagem*, ameaçadora, em que mazelas, paradoxos, receios e medos eram expressão? A *natureza* que educa, regenera, fortalece o corpo e o espírito, a *vida ao ar livre* que expressa uma nova ordem urbana, industrial e moderna, não poderia ser aquela do *Jeca Tatu*, não era, com efeito, aquela do Brasil rural. Razão pela qual, não havia um interesse e nem uma valorização das práticas anônimas e ingênuas junto à natureza, “ao ar livre” realizadas pela população paulistana das *margens*, sejam elas sociais, sejam as dos rios que as banham. O que se buscava, o que era retomado pela cidade eletrizante, pela nova ordem

<sup>10</sup> Estes dados mais detalhados podem ser obtidos no censo de 1940 e compõe o enquadramento conjuntural do estudo realizado por Tota (2004, p.511).

<sup>11</sup> Ver o trabalho de Dalben (2009), Op. Cit.



urbana dessa São Paulo, era uma *vida ao ar livre* penetrada pela quantificação, pelas medidas, pela duração dos exercícios físicos, bem como de tempos muito precisos de exposição ao sol, de mergulhos em distintas águas <sup>12</sup>.

Redesenhada, essa *vida ao ar livre* emoldurada pelo ideário educacional e higienista almeja conferir legitimidade ao projeto urbano em que a relação entre educação, corpo e vida ao ar livre expresse o quadro de novas sensibilidades. Não se trata de um processo e projeto espontâneos, bem ao contrário, resulta de um esforço de autoridades públicas em que desfilam inteligências e proposições elaboradas por médicos, educadores/pedagogos, engenheiros, urbanistas.

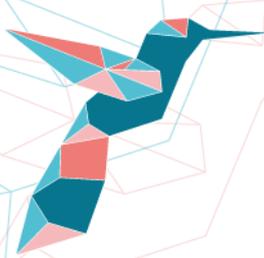
Nossa pesquisa partiu do pressuposto de que a *natureza* é redesenhada e deste novo desenho é que surge a evocação da *vida ao ar livre* como parte da educação e como necessidade na prevenção e manutenção da saúde. Distante da *natureza rude* do Brasil rural, aquela que é fabricada pela nova ordem urbana fornece indicativos importantes sobre o funcionamento da cidade, no sentido amplo desse termo e, ainda, sobre as transformações históricas das próprias noções de *natureza* em sua relação com a educação, o corpo e a saúde.

Parece certo que o advento da *vida ao ar livre*, dos benefícios auferidos pela *natureza e seus elementos* é indissociável da expansão das grandes cidades e metrópoles urbanas. Como analisou Walter Benjamin (2007) em relação as cidades europeias, a herborização seria antes de tudo um reflexo daquele que vive a cidade, este espaço novo das grandes cidades predispõe o homem do século XIX à contemplação. Outros observadores sociais como Georg Simmel (2007) mostram também como a vida na cidade modifica as referências sensoriais, opondo a profusão incessante de imagens e de ambientes ao caráter supostamente imutável e estável da vida no campo. A cidade que cresce impondo também uma nova ordem sensorial como indica Simmel (2007) sem dúvida elabora, inventa, fabrica novas relações dos indivíduos com o seu meio, criando assim, essa outra *natureza* (SIROST, 2007).

Ao escrever sobre a fadiga do trabalhador, tema recorrente nas preocupações das autoridades públicas nos anos de 1930, o Dr. Wilh. Erwin Engelhardt, afirma ser necessário colocar atividades compensatórias ao trabalho para combater a fadiga, indicando então as ginásticas em meio ao *ar puro e fresco* nos intervalos do trabalho e, quando for possível, em

---

<sup>12</sup> Seria possível também falar em águas do mar e das termas. Isto porque, um ideário da vilegiatura é ali inaugurado e as viagens ao litoral, ou as termas são requeridas. Ver entre outros, Marras (2004); Medeiros (2012); Medeiros e Soares (2013); Dalben e Soares (2013).



tempos mais prolongados após o trabalho, “[...] a actividade sportiva, [e] passeios no campo [...]” (BOLETIM DE HYGIENE MENTAL, n°17, maio, 1930)

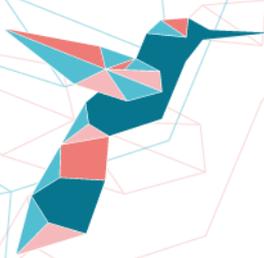
O médico Colombo Spindola, em exposição realizada no III Congresso Brasileiro de Hygiene, na cidade de São Paulo, no ano de 1926, ressalta que viver sadicamente implica no “[...] repouso suficiente e um trabalho metódico de exercícios moderados ao ar livre [...]” (p. 861). Em 1929, o dr. Waldomiro Pereira também faz alusão aos benefícios da vida ao ar livre quando aborda os “Problemas de saúde pública” no V Congresso Brasileiro de Hygiene, realizado no Recife em 1929. Nos Anais daquele congresso, afirma ser a educação física e o esporte praticados em parques, verdadeiros saneadores do meio, razão pela qual propõe que esses espaços sejam

[...] distribuídos pelos núcleos da população, (pois) garantem não só permanente e efetiva atuação, como podem trazer a melhor cooperação nas campanhas sanitárias, pelo atrativo que exercem principalmente sobre as crianças e a mocidade, que para freqüentá-los submeter-se-iam facilmente as exigências de assistência sanitária. (CONGRESSO BRASILEIRO DE HIGYENE, V, 1929: 140)

Essa insistência com a vida ao ar livre, a necessidade do ar puro, de fato, coabita um mundo que dominou uma natureza mais rude, no caso brasileiro, o mundo rural considerado como fonte de mazelas. A natureza evocada pelos médicos e educadores do período aqui estudado, surge como uma espécie de desintoxicação dos regimes de vida próprios da cidade e sonha oferecer uma alternativa ao progresso, aos males modernos. Essa nova percepção dos sentidos é que oferece um outro olhar sobre o próprio *ar*, esse *ar puro* tão evocado, assim como aos espaços de *natureza* a serem buscados. Parece que os discursos das autoridades aqui brevemente tratados em alguns congressos, ao lado de uma profusão de reportagens em revistas especializadas e de divulgação, traduzem o conjunto de dispositivos educativos de uma ampla política de exaltação da vida ao ar livre<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Desde fins da década de 1920 e até a década de 1940, seria possível afirmar que estamos diante de uma exaltação da vida ao ar livre e de um ideário das viagens de férias. Neste quadro, podemos situar tanto as Colônias de Férias, cf. analisa Dalben (2011) em sua tese de doutorado em desenvolvimento, ou Dalben e Soares (2012; 2013); Medeiros (2012); Medeiros e Soares (2013). No Estado de São Paulo temos um forte movimento em relação ao circuito das águas quentes paulistas nas décadas de 1930 e 1940 em direção a Serra da Mantiqueira, em estâncias hidrominerais como: Águas de Lindóia, Amparo e Serra Negra, Lindóia, Monte Alegre do Sul e Socorro.



## UMA OUTRA NATUREZA SE FAZ PRESENTE NA CIDADE

A presença, na cidade, de parques, jardins e praças, clubes, bem como a existência ou não de áreas abertas no desenho arquitetônico das escolas públicas paulistas do período, confirmam o lugar de importância da natureza e seus elementos nesta nova ordem urbana do início do século XX<sup>14</sup>. Lugares em que uma natureza rude persiste figuram na imprensa como sendo focos de insalubridade, de má ventilação, de fonte de doenças. Outros, ao contrário, são veiculados como sendo espaços de refinamento e salubridade, tal qual são os jardins e os parques, expressão dessa noção domesticada de natureza e lugar que permite ao habitante da cidade vivenciar a ascensão, no período, desse ideário. Não menos importantes eram as alusões aos os clubes, estes espaços de vida ao ar livre que tão bem emolduram essa natureza domesticada.

Todavia, investigar a historicidade das práticas corporais ao ar livre, desse ideário de evocação dos benefícios da natureza como educadora, boa e generosa desde que dominada e adequada a vida urbana, dos espaços inventados pela ordem urbana, representa, em primeiro lugar, uma maneira de historicizar um pouco das sensibilidades (relativas ao sol e à água, por exemplo,) dos moradores de São Paulo, durante um período de grandes investimentos na higiene urbana e na educação.

Investigar a relação entre educação, corpo, natureza e ordem urbana é também um modo de compreender as relações entre o domínio público — dos espaços urbanos — e o domínio íntimo, do corpo pessoal, binômio recriado com insistência na história. Nesse sentido, nossa pesquisa utilizou as seguintes fontes: os jornais *Correio Paulistano*; *O Estado de São Paulo*; *Gazeta Esportiva*; as publicações: *Revista de Educação*; *Revista de Ensino* e, ainda, algumas revistas que tomam a vida ao ar livre e o naturismo, no período. *Anais dos Congressos Brasileiros de Higiene* promovidos pela Sociedade Brasileira de Higiene em sua primeira fase; *Anais das Conferências Brasileiras de Educação* do período que compreende este projeto, *Boletins da Liga Paulista de Higiene Mental* desde a década de 1930.

---

<sup>14</sup> Seria importante evocar aqui, também a existência de uma escola ao ar livre na cidade de São Paulo como parte desse ideário, assim, conforme analisou Dalben: “[...] A primeira escola criada com o termo “ao ar livre” no Brasil foi a Escola de Aplicação ao Ar Livre Dom Pedro II, fundada pelo Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, conforme o decreto nº 10.307, de 13 de junho de 1939. Sua inauguração se deu no dia 12 de outubro de 1939, durante as comemorações da Semana da Criança.[...]” (DALBEN, 2009, p.139)



#### PARA FINALIZAR

Parece-nos oportuno sublinhar aqui que toda a discussão feita não se constitui, evidentemente, uma particularidade de São Paulo. Ao contrário, inúmeros trabalhos de pesquisadores que se debruçaram sobre várias cidades brasileiras, principalmente a partir do final do século XIX, demonstraram tanto esse deslumbramento com a vida ao ar livre, quanto às consequências sociais da *cruzada* higienista que assolou o país, os interesses econômicos e políticos que os sustentavam, assim como os movimentos de resistência às suas ações. Por isso, talvez, fosse importante deixar aqui uma abertura para novas pesquisas que possam deter-se nas análises sobre os modos de vida que, de alguma maneira, permaneceram alheios às ingerências da cruzada higiênica vigente, das muitas práticas espontâneas e banais junto à natureza que puderam existir<sup>15</sup>.

An education by nature: outdoor life and urban order in São Paulo (1900-1940)

#### ABSTRACT

*The city of São Paulo at the dawn of the 20<sup>th</sup> century redesigns educational practices and spaces. Nature, its elements and an outdoor life thus configure themselves as pedagogies of body and therapeutics for diseases caused by urban life. This paper analyses this ideology using as sources magazines about Physical Education, Education and journals published in this period in São Paulo.*

**KEYWORDS:** *outdoor life; education by nature; urban order;*

Una educación por la naturaleza: vida al aire libre y orden urbana en San Pablo (1900-1940)

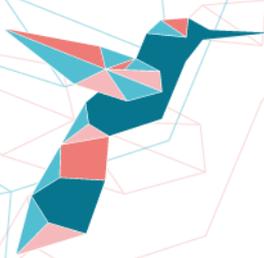
#### RESUMEN

*La ciudad de San Pablo a inicios del siglo XX rediseñó prácticas educativas y espacios. La naturaleza, sus elementos y la vida al aire libre se configuran como pedagogías del cuerpo y terapias para enfermedades causadas por la vida urbana. El trabajo analiza esas ideas, usando como fuente revistas de Educación Física, Educación y diarios paulistas del período.*

**PALABRAS CLAVES:** *vida al aire libre; educación por la naturaleza; orden urbana*

---

<sup>15</sup>Parte do projeto que desenvolvemos no momento e que tem o apoio do CNPq através de Bolsa de Produtividade em pesquisa, busca delimitar esse universo alheio e à margem das margens traçadas pela nova ordem urbana na São Paulo das primeiras décadas do século XX.



## FONTES

BOLETIM DE HYGIENE MENTAL. São Paulo: Liga Paulista de Hygiene Mental, n° 10, 1929.

BOLETIM DE HYGIENE MENTAL. São Paulo: Liga Paulista de Hygiene Mental, n°17, maio, 1930.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 1., 1923. *Annaes*. Rio de Janeiro, Officinas Graphicas de Demographia Sanitária, (1), vol.1.

\_\_\_\_\_. 5., 1929. *Annaes*. Recife, Officinas da Inspectoria de Demographia Sanitária, vol.1.

JORNAL GAZETA ESPORTIVA, 15 de fevereiro, 1932.

O CADERNO DE SÃO PAULO. *Depoimento* de Carlos Vergueiro, Lazer e Diversão em São Paulo- o Entreguerras, p. 43, 1979. (A Raízes Arte Gráfica).

MATTOS, MATTOS, J. N. B. *Breve notícia sobre o clima de São Paulo*. São Paulo: Serviço de Meteorologia do Estado de São Paulo, 1906.

MATTOS, J.N.B. *Em defesa do clima de São Paulo*. São Paulo: Serviço de Meteorologia do Estado de São Paulo, 1910.

REVISTA DE ENSINO. Órgão da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, n° 1, março, 1912.

REVISTA DE ENSINO. Órgão da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, n° 2, 1912.

REVISTA DE ENSINO. Órgão da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, n° 3, agosto, 1902.

REVISTA DE ENSINO. Órgão da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, n° 3 e 4 1917/1918.

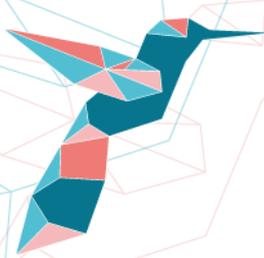
EDUCAÇÃO FÍSICA- Revista de Esportes e Saúde, n° 59, 1941.

## REFERÊNCIAS

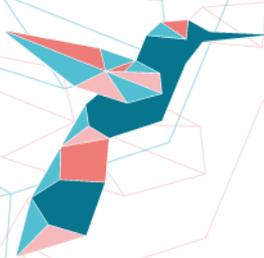
ADORNO, V. *Tietê*. Uma promessa de futuro para as águas do passado. São Paulo: 1999.

BARRAN, J. P. *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Montevideo : Ediciones de la Banda Oriental, [s.d.] 3t.

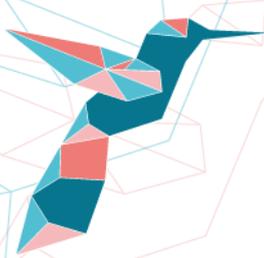
BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.



- CORBIN, A. *Le miasme et la jonquille, odorat et imaginaire social*. Paris: Aubier-Montaigne, 1982. Tradução brasileira: *Saberes e odores*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Les cloches de la terre: paysages sonores et culture sensible dans les campagnes au XIXe siècle*. Paris: Albin Michel, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Le territoire du vide: l'Occident et le désir de rivage (1750-1840)*. Paris: Aubier, 1988. Tradução brasileira: *Território do vazío*. São Paulo, Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. *Historien du sensible, entretiens avec Gilles Heuré*. Paris: La Découverte, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Le temps, le désir et l'horreur: essais sur le XIXe siècle*. Paris: Flammarion, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Le ciel et la mer. Pour une histoire de la sensibilité au temps qu'il fait*. Paris: Bayard, 2005.
- \_\_\_\_\_. *L'Homme dans le paysage*. Paris: Textuel, 2001.
- \_\_\_\_\_. *La pluie, le soleil et le vent: une histoire de la sensibilité au temps qu'il fait*. Paris: Aubier, 2013.
- \_\_\_\_\_. *La douceur de l'ombre - L'arbre, source d'émotions, de l'Antiquité à nos jours*. Paris: Fayard, 2013a.
- FEBVRE, L. *O Reno. História, mitos e realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Combates pela história*. 3ª, Lisboa: Editora Presença, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Le problème de l'incroyance au XVIe: la religion de Rabelais*. Paris: Albin Michel, 2003.
- DALBEN, A. *Mais do que energia, uma aventura do corpo: as colônias de férias escolares na América do Sul (1882-1950)*, Tese-Doutorado, Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação- UNICAMP, 2014 (FAPESP).
- \_\_\_\_\_. *Educação do corpo e vida ao ar livre: natureza e educação física em São Paulo (1930-1940)*, Dissertação de Mestrado, Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física- UNICAMP, 2009 (FAPESP).
- \_\_\_\_\_.; SOARES, C.L. Uma educação pela natureza: vida ao ar livre e métodos terapêuticos nas colônias de férias infantis do Estado de São Paulo. *Pro-Posições*, v. 22, p. 167-182, 2011.
- GLEYSE, J.; SOARES, C.L.; DALBEN, A. L'ouvre de Georges Hébert au Brésil et en France dans les écrits sur l'Education physique. Deux facettes de la nature (1909-1957) ?. *Sport History Review*, v. 45, p. 171-199, 2014.
- HAROCHE, C. *L'avenir du sensible. Les sens et les sentiments en question*. Paris, PUF, 2007.



- JAKOVIC, W. *Reading the skies: a cultural history of English weather*. PUC-Chicago, 2000.
- JANES, J. *Tietê: o rio que a cidade perdeu: o Tietê em São Paulo, 1890-1940*. São Paulo: Alameda, 2006.
- LADURIE, E. L. R. *Histoire du climat depuis l'an mil*. Paris: Flammarion, 1983, 2 volT. 2, 1983.
- MARRICHI, J. M. O. Memórias Médicas sobre as águas termais brasileiras e européias entre 1902 e 1950: relatos de viagem e apropriação do meio natural. *Revista de História da UEG*, v. 1, p. 41-62, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931*. 2009. 157 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000449997>>. Acesso em: 17 fev. 2015.
- \_\_\_\_\_. *A invenção da vilegiatura nas cidades de águas brasileiras: alegria e prazer na criação de um novo tempo*. 2015. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- MEDEIROS, D. C. C. de. *"Por que procuras a natureza?" A educação do corpo e as viagens de férias às estâncias hidrominerais (1930-1940)*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Educação Física) Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- MEDEIROS, D. C. C de. As publicações médicas e as estâncias hidrominerais (1930-1940): o incentivo médico ao contato com a natureza. *I Simpósio de Hidrologia Médica, Águas Termais, Minerais e Naturais de Poços de Caldas*. Poços de Caldas, nov, 2014.
- MEDEIROS, D. C. C. de; SOARES, C. L. . Nature and Body Regeneration : the Vacation Trips and the Thermal Springs. In: *XIII Congress of the International Society for the History of Physical Education and Sport and XII Brazilian Congress for the History of Physical Education and Sport*, 2013, Rio de Janeiro. *Esporte e Educação Física ao Redor do Mundo: Passado, Presente e Futuro*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2013. v. 1. p. 303-314.
- NICOLINI, H. *Tietê: o rio do esporte*. São Paulo: Phorte Editora, 2001.
- QUITZAU, E. A. *As Práticas Corporais no Sport Club Germânia (1900-1943): seriam essas práticas pautadas no método ginástico alemão? Iniciação Científica*. (Graduando em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, CNPq, 2008.



- \_\_\_\_\_.; SOARES, C.L. A força da juventude garante o futuro de um povo: a educação do corpo no Sport Club Germânia (1899-1913). *Movimento* (UFRGS. Impresso), v. 16, p. 87-106, 2010.
- RAGO, L.M. A Invenção do cotidiano na Metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: Porta, Paula. (Org.). *História da Cidade de São Paulo*. 1ª, ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 03, p. 387-436.
- RAUCH, A. *Vacances en France de 1830 à nos jours*. Paris: Pluriel, 2001.
- ROCHA, H.P. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2003.
- SANT'ANNA, D.B. *Cidade das águas*. Usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Senac, 2007.
- SEVCENKO, N. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo nos frementes anos 20*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. (org.). *História da vida privada no Brasil- República: da Belle Époque à Era do Rádio*, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 424- 512.
- SCHOSSLER, J.C. *História do veraneio no Rio Grande do Sul*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- SIROST, O. *La vie au grand air: Aventures du corps et évasions vers la nature*. Nancy: PUN, 2009.
- SIMMEL, G. *Les grandes villes et la vie de l'esprit*, Paris: L'Herme, 2007.
- TOTA, A.P. Rádio e modernidade em São Paulo (1924-1954). In: PORTA (org.) *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954)*, São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 3, p. 487-516.
- VAGO, T. M. e FARIA FILHO, L. M. “Entre relógios e tradições: elementos para uma história do processo de escolarização em Minas Gerais”, p. 131. In: VIDAL, D.G.; HILSDORF, M.L.S. (Org.). *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2001, v.1, p. 117-136.